

Comentário

Teresa Palma

In Ensinar géneros de texto: conteúdos, estratégias e materiais

ISBN 978-989-20-9853-1

Como citar

Palma, T. (2019). Comentário. In A. Coutinho & N. Jorge (Cords.), *Ensinar géneros de texto: conteúdos, estratégias e materiais* (pp. 92-99). NOVA FCSH-CLUNL.

<https://novaresearch.unl.pt/en/publications/ensinar-géneros-de-texto-conteúdos-estratégias-e-materiais>

COMENTÁRIO

TERESA PALMA⁴⁵

CARACTERIZAÇÃO DO GÉNERO⁴⁶

A noção de comentário é bastante abrangente, podendo cruzar-se com a de outros géneros textuais, como são exemplos o texto de opinião ou a crónica. O comentário é tradicionalmente associado ao comentário de texto literário em contexto escolar, resultando num exercício metatextual. É fruto de diferentes contextos de produção (desportivo, político, jurídico, etc.), podendo tratar-se de textos orais ou escritos que circulam em diversos meios, sendo mais comum no meio jornalístico ou nas redes sociais – onde, por vezes, surge com a etiqueta autorreferencial de *comentário*.⁴⁷ São exemplos de produtores de texto o jornalista, o utilizador das redes sociais ou um especialista numa dada matéria alvo de comentário.⁴⁸

Consequentemente, e dadas as suas especificidades, que dependem do contexto de produção e do produtor, poderão considerar-se vários subgéneros dentro do género comentário (**ex.:** comentário político, comentário de texto).

As temáticas abordadas nos comentários prendem-se, essencialmente, com desporto, política, economia, educação, entre outros. Para além disso, apesar de partirem da análise de um texto-fonte ou de um determinado acontecimento, os comentários pressupõem sempre uma marca de originalidade por parte do produtor.

Caracterização: aspetos organizacionais

Precisamente por ser um género de difícil delimitação, relativamente a géneros como a crónica, o texto de opinião, a apreciação crítica, a síntese, as memórias ou o ensaio, pode apresentar-se como um bloco de texto, ainda que com marcas linguísticas específicas, que é parte integrante do plano de outros géneros textuais. Embora o comentário assuma características particulares por ser fruto de contextos heterogé-

⁴⁵ Teresa Palma é professora bibliotecária no Colégio do Sagrado Coração de Maria – Lisboa.

⁴⁶ **Referências bibliográficas:** Coutinho, 2015; Coutinho, 2019 (no prelo); Fidalgo, 2017; Jorge & Ribeiro, 2013; Martins, 2007; Miranda, 2007; Palma, 2017; Prada, 2004; Segate, 2010.

⁴⁷ O comentário nem sempre surge acompanhado de etiqueta autorreferencial, nomeadamente quando é parte integrante do plano de outros géneros textuais.

⁴⁸ De facto, na atualidade, o género comentário está associado a diversas práticas sociais que extrapolam o tradicional contexto escolar, onde este género tem sido didatizado.

neos e produtores distintos, podendo mesmo falar-se em diferentes géneros, é possível encontrar traços comuns. É frequente o produtor construir o seu discurso (ou metadiscurso) a partir de um texto-fonte ou de um acontecimento vivido ou observado, que é analisado, e expressar o seu ponto de vista sobre a matéria em causa, verificando-se assim o predomínio das estruturas expositivas e argumentativas.

Caracterização: do contextual e organizacional às marcas linguísticas

- Os comentários são textos subjetivos e valorativos, em que são expressos juízos de valor e considerações pessoais. Assim, verifica-se o carácter autoral através do uso de deícticos pessoais (1.^a pessoa do singular) e da marcação de pontos de vista, o que revela implicação do produtor (comentar implicado) – características próprias do discurso expositivo implicado. Ocorrem também casos em que é utilizada a 1.^a pessoa do plural com valor genérico (**ex.** *assistimos, devemos*).
- Observam-se ainda casos em que ocorre o apagamento do sujeito enunciador (comentar não implicado), não havendo, portanto, a utilização de deícticos pessoais.
- Por versarem temas da atualidade, os comentários são marcados pelo uso de tempos verbais deícticos (presente, pretérito perfeito composto e futuro). Pode registar-se também o uso do presente com valor gnómico (**ex.** *tem-se, espera-se*). É comum também a utilização de deícticos temporais (**ex.** *hoje em dia, há uns anos*).
- A expressão da opinião assume um papel central nos comentários. Nesse sentido são frequentes:
 - frases exclamativas, imperativas e interrogativas;
 - expressões com valor apreciativo (**ex.** *felizmente, desagrada-me, satisfaz-me*), epistémico (**ex.** *é possível, parece-me, claro*) e deôntico (**ex.** *podemos, não devemos*);
 - adjetivos com valor afetivo (**ex.** *bom, mau, medíocre, interessante, preocupante*);
 - figuras de retórica (**ex.** *ironia, personificação, metáfora, hipérbole, adjetivação*).
- A escolha lexical prende-se com o tema alvo de comentário.
- É recorrente a utilização de marcadores discursivos estruturadores de informação com função de ordenação (**ex.** *primeiramente, em segundo lugar, por outro lado*), conectores (**ex.** *ainda por cima, portanto, mas, contudo*), reformuladores (**ex.** *ou seja, melhor dizendo*) e operadores discursivos (**ex.** *de facto, na realidade, por exemplo*).
- No comentário oral, é comum o recurso a interjeições (**ex.** *ah!, ui!, oxalá!*).

Texto A – Comentário escrito

O sol, a água e o vento não fazem greve



Lídia Pereira,
eurodeputada
do PSD

Os problemas associados à greve e o caos a que esta **pode votar** o país por tempo indeterminado (e de frequência imprevisível), **devem fazer-nos** refletir sobre a **nossa** dependência diária de combustíveis.

Num verão ainda **tímido**, **assistimos** à revolta e à greve dos motoristas de matérias perigosas. **É** a segunda **este ano**. Numa situação **normal** de negociação entre sindicatos e empresários, com ou sem greve, **cabem** aos representantes de ambos chegarem a acordo. Nesta situação em particular, **depois de** o Governo ter aberto um precedente, e **erradamente ter-se intrometido** na negociação de abril, **é natural que** muitos portugueses **esperem** o mesmo desta vez. Esse **é** um problema **para o futuro**.

Numa perspetiva **distinta**, os problemas associados à greve e o caos a que esta **pode votar** o país por tempo indeterminado, **devem fazer-nos refletir** sobre a **nossa** dependência diária de combustíveis fósseis e **levar-nos** a exigir uma **verdadeira** transição energética.

Nos últimos meses **tem-se falado**, em crescendo, sobre o ambiente e as alterações climáticas. **Hoje assistimos** a marchas pelo clima lideradas pelos mais jovens, pela geração que, **previsivelmente**, **mais irá ser afetada** pelos desequilíbrios ambientais. Carlos Pimenta, uma das referências políticas na matéria, disse que “a luta pelo ambiente **é** uma das formas mais **nobres** de luta pela cidadania”. Guerrilhas políticas à parte, **devemos ter** a ambição de **nos sentarmos todos** à mesa e discutir o ambiente, **porque** este **é** um assunto de todos; **é** garantir o futuro das **novas** gerações.

Ainda precisamos de combustíveis para a produção de energia que **permite** ter a funcionar hospitais, portos ou aeroportos. **Mas talvez seja importante** **perguntarmos** que tipo de investimento **tem sido feito** em matéria de infraestruturas, eficiência energética em edifícios e transportes, e qual **tem sido** a evolução da fiscalidade verde.

O sol, água e o vento não fazem greve, e a transição energética **exige** uma visão **holística**, que **convoque** todos os agentes da nossa sociedade. Numa Europa líder no combate às alterações climáticas, Portugal **já é** um dos campeões na energia eólica. As condições naturais que **possuímos** (também como país mais **soalheiro** da Europa) perante este **grande** desafio da transição energética, **obrigam-nos** a estar no pelotão da frente.

Pereira, Lídia, in *Observador*, 18/08/ 2019, disponível em <https://observador.pt/opiniaao/o-sol-a-agua-e-o-vento-nao-fazem-greve/> [consultado a 14/08/2019, com supressões]

Nota: Dada a extensão do texto original, procedeu-se a uma seleção de alguns blocos considerados mais significativos do mesmo.

Produtor textual

Eurodeputada (especialista no assunto sobre o qual opina)

Estrutura do texto

- Apresentação do tema a analisar: greve dos transportadores de matérias perigosas e situação ambiental



- Contextualização da situação alvo de crítica
- Fundamentação da crítica, recorrendo a argumentos e exemplos. → Marcação da posição do comentador
- Conclusão: retoma do argumento inicial com reforço da crítica feita

Marcas linguísticas

- **Tempos verbais deíticos** (presente e pretérito mais-que-perfeito composto e futuro)
- **Presente com valor gnómico**
- **Deíticos pessoais** (1.ª pessoa do plural)
- **Deíticos temporais**
- **Expressões com valor deóntico**
- **Expressões com valor epistémico**
- **Expressões com valor apreciativo**
- **Adjetivos com valor afetivo**
- **Linguagem irónica e metafórica**
- **Conector com valor argumentativo** (“*porque*”) e **contrastivo** (“*Mas*”)

Local da publicação

Jornal Observador
seção “Política”, separador “Greve”

Texto B – Transcrição de partes de comentário oral

Comentário Diário – 21082019



Bom dia. Edição do dia 21 de agosto do ano da graça de 2019. **Estamos** a falar de *A Cor do Dinheiro*, como **já percebeu**. [...]

Bem... então, de facto, parece que estamos finalmente com bons dias, não é? O que é que **vamos ter hoje?! Vamos ter aqui uma salganha da brutal** de histórias e de informação. [...]

Vamos lá com a edição de **hoje**, que **é** uma edição muitíssimo **longa** e com muitas matérias no período da ordem do dia. E como **percebeu ontem**, houve matérias que transitaram de **ontem para hoje**. **Vamos** ver se conseguimos dar conta de tudo aquilo que **temos** em agenda.

Primeiro ponto no período da ordem do dia, o *Jornal de Notícias* **diz** hoje que **falta** contratar mil funcionários para o Ministério da Educação, “mil funcionários que **ficarão** adstritos às escolas e que **são** aqueles funcionários que **fazem** falta para que as escolas possam funcionar **como deve de ser**”.

Bom, eu não sou bruxo, não **sou** técnico do Ministério da Educação e, **portanto**, não **sei** se, **primeiro**, **faltam** funcionários, em **segundo lugar**, se **existe** um problema de racionalização de gestão e de meios no Estado e, **portanto**, **não lhe posso garantir** que as escolas **precisam** mesmo de mil funcionários. **Mas** quem disse que precisavam não **fui eu**, foi o Governo **em fevereiro deste ano** e que tinha prometido contratar estas pessoas **até ao início do período das aulas**. **Ora**, segundo a minha filha, as aulas dela **estão** por, mais ou menos, **menos de um mês e ficamos a saber**, pelo *Jornal de Notícias*, que estes mil funcionários **nunca serão contratados** antes de outubro.

Espera aí... quem é que planeou esta marmelada?! Fui eu?! Bom, eu não acredito que isto seja por causa das eleições – só **em outubro**, **porque** as eleições são **a seis de outubro**. **Mas**, quem é que planeou isto? Não foi **você**, não **fui eu**, foi o Governo. **Portanto**, das duas uma: ou alguém não **sabe** planear rigorosamente nada no Ministério da Educação, a começar pelo excelentíssimo senhor ministro (o que não **me espanta** nada, também é verdade!), ou então **há aqui** outra intenção, que foi alguém que correu a fazer promessas **em fevereiro deste ano** com um único fito, que é chegar às eleições (no **run up** das eleições), **ou seja**, na pré-campanha para as eleições, a dizer “vamos criar mais mil postos de trabalho no Estado”, sendo que a maior parte destas pessoas (ao que tudo indica), a serem contratadas, vão ser pessoas no grupo dos precários. **Bom, julgue você**.

Lourenço, Camilo, *A cor do dinheiro* [em linha], 21/08/2019, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=NUEGcAVnwNE&t=895s> (consultado a 25 de agosto de 2019, com supressões)

Produtor textual

Jornalista económico, professor universitário, colunista e comentarista

Estrutura do texto

- Saudação ao interlocutor e contextualização
- Apresentação da matéria a analisar e comentar (crítica ao facto de o Governo pretender contratar funcionários para o Ministério da Educação, em período eleitoral)
- Análise e comentário (fundamentação da crítica, recorrendo a argumentos, exemplos e interrogações retóricas)
- Conclusão (reforço da crítica feita e apelo à reflexão do interlocutor)

Marcas linguísticas

- Tempos verbais deíticos (presente e pretérito mais-que-perfeito composto e futuro)
- Deíticos temporais
- Deíticos pessoais que remetem para o enunciador (*nós/ eu*) e para o destinatário (*você*)
- Deíticos temporais
- Expressões com valor deontico
- Expressões com valor epistémico
- Expressões com valor apreciativo

Linguagem irónica e metafórica

- Marcadores discursivos
 - estruturadores da informação (“primeiro ponto”, “primeiro”, “em segundo lugar”)
 - conectores discursivos (“mas”, “porque”, “portanto”)
 - reformuladores (*ou seja, ora, bom*);
 - operadores discursivos (“de facto”)
 - marcadores conversacionais (“Vamos lá”, “Espera aí...”)

Local da publicação

Youtube, canal *A cor do dinheiro*

Texto C- Comentário de texto literário

Maria Campaniça

Debaixo do lenço azul com sua barra amarela
os lindos olhos que tem!
Mas o rosto macerado
de andar na ceifa e na monda
desde manhã ao sol-posto,
mas o jeito
das mãos torcendo o xaile nos dedos
é de mágoa e abandono...
Ai Maria Campaniça,
levanta os olhos do chão
que eu quero ver nascer o sol!

Manuel da Fonseca, *Obra Poética*, 7.ª ed., Caminho, 1974

Comentário

Neste poema, o sujeito poético descreve Maria Campaniça, destacando os seus olhos, rosto e mãos. Os olhos, **apesar** de “*lindos*”, expressam tristeza e submissão; o rosto “*macerado*” revela tristeza e desgosto; as mãos, que torcem “*o xaile nos dedos*”, sugerem acanhamento.

A descrição é feita de forma bastante **emotiva** – o sujeito poético começa por descrever subjetivamente a beleza dos olhos (vv. 1-2) recorrendo **depois** a um tom **melancólico** (vv. 2-8) e **concluindo** o poema com um pedido **emocionado**, em que **revela** toda a sua empatia pela figura descrita vv. 9-10).

Com base nas características e no próprio apelido da figura retratada, pode inferir-se que Maria Campaniça pertence à classe trabalhadora nos latifúndios alentejanos. Ao descrevê-la, o sujeito poético denuncia a opressão e as condições de vida **deprimentes** a que os camponeses **pobres** se encontram sujeitos numa região caracterizada pelas condições climatéricas **adversas**.

Jorge, N. (2019). *Gramática – Português, 3.º Cdo.*
Porto: Porto Editora, p. 271

TEXTO-FONTE

COMENTÁRIO

Estrutura do texto

- Introdução (apresentação do texto alvo de comentário)
- Desenvolvimento / conclusão (análise do poema, acompanhada de observações subjetivas e valorativas)

Marcas linguísticas

- Presente com valor gnómico
- 3.ª pessoa do singular
- Deítico espacial
- **Adjetivos com valor afetivo**
- **Expressões com valor epistémico**
- Marcadores discursivos
 - estruturadores da informação (“*começa por*”, “*depois*”, “*concluindo*”)
 - conectores discursivos (“*apesar de*”)

Local da publicação

Gramática do Português, 3.º Cdo

PERCURSOS DIDÁTICOS

Leitura e análise de comentários (Ensino Secundário)⁴⁹

1. O professor divide a turma em três grandes grupos e distribui um texto (em suporte de papel) aos grupos. Cada grupo fica responsável pela leitura e análise de um comentário, a partir da tabela disponibilizada. O professor orienta o trabalho dos grupos, esclarecendo eventuais dúvidas e verificando o preenchimento das tabelas.

Grelha de análise comparativa

Parâmetros de análise		Texto A	Texto B	Texto C
Contexto de produção	Produtor (papel social)			
	Local de publicação			
	Suporte			
Objetivo do texto (função cultural, informativa, pedagógica, outra)				
Tema				
Estrutura do texto	Divisão em partes			
	Marcadores discursivos			
Marcas linguísticas	Léxico			
	Pessoas gramaticais predominantes			
	Tempos verbais predominantes			
	Deícticos			
	Palavras que expressam modalidades (epistémica, deôntica, apreciativa)			
	Recursos expressivos			

2. Concluído o preenchimento das tabelas, cada grupo apresenta oralmente o comentário analisado. Durante a apresentação, cada aluno deverá preencher os campos da tabela referentes aos textos apresentados pelos outros grupos.

⁴⁹ O percurso didático proposto pressupõe a análise prévia de textos (orais e escritos) do género em estudo e explicitação, por parte do professor, das suas características e marcas de linguagem.

Oficina de escrita

1. O professor disponibiliza um conjunto de textos escritos e orais, imagens e vídeos.

A) Texto de José Tolentino de Mendonça

A rotina não basta ao coração do homem

A rotina começa por ser um esforço de regularidade nos vários planos da existência, esforço que, temos de dizer, é em si positivo. A vida seria impossível se o eliminássemos de todo. As rotinas têm um efeito saudável: tornando o quotidiano um encadeado de situações expectáveis, permitem-nos habitar com confiança o tempo. Mas o que começa por ser bom esconde também um perigo. De repente, a rotina substitui-se à própria vida. Quando tudo se torna óbvio e regulado, deixa de haver lugar para a surpresa. Cada dia é simplesmente igual ao anterior. A nossa viagem passa para as mãos de um piloto automático, que só tem de aplicar, do modo mais maquinal que for capaz, as regras previamente estabelecidas. Os sentidos adormecem. Bem podem os dias ser novos a cada manhã ou o instante abrir-se como um limiar inédito, que nunca os cruzaremos assim. Os nossos olhos sonolentos veem tudo como repetido. E, sem nos darmos conta, acontece-nos o que o salmo bíblico descreve a propósito dos ídolos: “Têm boca, mas não falam; olhos têm, mas não veem./ Têm ouvidos, mas não ouvem; narizes têm, mas não cheiram./ Têm mãos, mas não palпам» (S 115,5-7). Podemos equivocadamente pensar que nos é possível viver assim. Mas chega a estação, como recorda o livro do Eclesiastes, em que «a vista não se sacia com o que vê, nem o ouvido se contenta com o que ouve” (Ed 1,8). A rotina não basta ao coração do homem.

Mendonça, José Tolentino (2014). “A rotina não basta ao coração do homem”, in *A Mística do Instante*. Lisboa: Paulinas

B) Curta-metragem *Man*, de Steve Cutts



Cutts, Steve (2012). *Man*. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=WfGMYdalQU> (consultado em 05/09/2019)

C) Incêndios na Amazônia



Fotografia da Agência Lusa, disponível em <https://agencia.ecclesia.pt/portal/amazonia-bispos-da-america-latina-pedem-intervencao-urgente-para-travar-catastrofe-com-proporcoes-planetarias/> (consultado em 05/09/2019)

D) Opinião de Ruth Manus



Não adianta salvar o meio ambiente se você não souber tratar bem a sua avó

Teletransportados daquele “inútil” ambiente familiar para seus ricos núcleos (ou bolhas) de debates, terminam por ser um corpo presente na mesa e uma ausência gritante naquele raro momento de partilha

As novas gerações ainda vão salvar o mundo. Ou não. Mas honestamente acredito que existe uma grande probabilidade do mundo só não acabar por causa dessas novas gerações que che-

gam gerando incómodo e questionando os nossos hábitos encardidos e egoístas que matam o planeta um pouquinho por dia.

Todavia, juventude e arrogância são duas palavras que costumam andar de mãos dadas. E isso não é exclusividade dessa geração. Todos nós, no auge da ingenuidade / ignorância dos nossos 18 anos, já pensamos ser os soberanos, donos da verdade, cheios de certezas que, com o tempo, vão caindo pelo caminho.

As novas gerações são vegetarianas. Veganas. Anti-plástico. Anti fast-fashion. São defensoras dos animais. Não toleram conservantes. Corantes. Touradas. Estão dispostas a reduzir o consumo (de tudo). A reutilizar e a reciclar. Se negam a comer agrotóxicos. Se negam a consumir transgênicos. E, acima de tudo, se negam a tolerar tais comportamentos à sua volta.

Sim, pelo jeito eles vão salvar o mundo. Ainda bem. Se não fossem seus berros de revolta, talvez eu não tivesse mudado nem metade dos comportamentos que mudei. E por isso sou grata – e acho que todos nós que já temos mais de 30 devemos sê-lo. Entretanto, como toda boa juventude, eles são ótimos para falar e péssimos para ouvir. Sabe como é. Conversa de gente mais velha é sempre uma perda de tempo (até o dia em que a gente se dá conta que todo jovem que aprende muito, acaba por se tornar um velho).

E então a cena se repete: muito preocupados com as suas nobres causas, tiram o iPhone do bolso no meio do almoço de domingo e, em uma fração de segundo, já não estão mais ali. Teletransportados daquele “inútil” ambiente familiar para seus ricos núcleos (ou bolhas) de debates, terminam por ser um corpo presente naquela mesa e uma ausência gritante naquele raro momento de partilha.

Mas de repente eles voltam. Porque sentiram o cheiro da carne assada preparada pela avó. Poderia ser um bom momento de memória afetiva, mas, na verdade, voltam porque sentem a necessidade (quicá o direito) de começar um longo sermão acerca do absurdo que é aquele consumo de carne vermelha em pleno século XXI. Carne essa comprada numa rede de supermercados que não se preocupa com a maneira de produção, com o uso de hormonas e com a forma de abate. E sim, eles tem razão. Negam-se a comer a carne, permanecendo na salada, não sem antes perguntar se são de agricultura biológica.

Na sequência, criticam as garrafas de plástico com bebidas açucaradas que a avó disponibilizou em cima da mesa, bem como se queixam na hora do café, por tratar-se de grande marca multinacional e não de uma produção local de cultivo sustentável. Pouco depois de suas pertinentes e doloridas críticas, voltam para seus iPhones sem nenhuma dúvida sobre seu direito de apontar tantos erros e sem nenhum indício das mágoas que causam em quem ouve tal discurso.

Não sei, mas me parece que, de fato, na vida tudo é uma questão de equilíbrio. E que acima disso também há algo chamado bom senso. De tão preocupados que estão com os temas urgentes da esfera pública, se esquecem de que a vida se faz na nossa esfera privada. E que por mais importante que sejam suas causas e bandeiras, há quem não tenha a mesma disposição ou clareza para abraçá-las. Mas são essas mesmas pessoas que seguem ali, presentes e fiéis, com um abraço certo e cotidiano à disposição. Mesmo que esse abraço venha em forma de carne assada, de embalagem plástica ou de sobremesa cheia de corantes artificiais.

Manus, Ruth, in Observador, 04/08/ 2019, disponível em <https://observador.pt/opiniao/nao-adianta-salvar-o-meio-ambiente-se-voce-nao-souber-tratar-bem-a-sua-avo/> (consultado a 29 de agosto de 2019)

2. A pares, os alunos selecionam um texto, uma imagem ou um vídeo e escrevem um comentário.
3. Os melhores comentários serão coligidos num portefólio de textos produzidos pela turma.